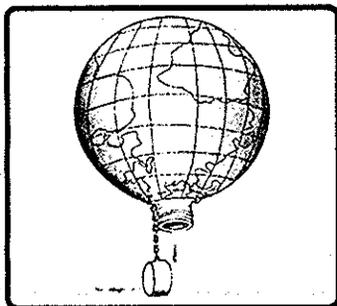


Indispensável: Uma ética para a água

Washington Novaes *

José Galizia Tundisi, um dos maiores especialistas da matéria, lembra em seu livro *Água no Século XXI — Enfrentando a Escassez*: "a crise da água é ameaça permanente à humanidade e à sobrevivência da biosfera como um todo". Por isso, está diante de nossos olhos que "precisamos de uma nova ética".



(as chuvas mais fortes ocorrem a partir de janeiro), e com um nível de poluição (principalmente por esgotos domésticos) quatro vezes acima de sua capacidade de diluí-la. Ou seja, as duas maiores áreas metropolitanas do país em risco.

Em agosto de 2002, na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, na África do Sul, o autor, destas linhas perguntou, em conferência de imprensa, ao presidente do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, o indiano Rajendra Pashourí, em que países como o Brasil poderiam ser afetados pelas mudanças e o que deveriam fazer. Ele respondeu já haver indicações de que se agravarão as secas no Nordeste e as inundações no Sul do País; que a agricultura está sendo e será mais afetada em vários pontos do país; e que deveria haver especial preocupação com o abastecimento de água das grandes aglomerações ur-

banas, que poderá sofrer muito. Portanto, aviso não faltou.

Algumas semanas atrás, já se comentou aqui estudo da Unicamp sobre a migração das culturas de café, principalmente em SP e no Paraná, por causa do aumento da temperatura. Um livro publicado pela Embrapa Meio Ambiente, de autoria dos professores Magda A. Lima, Osvaldo M. R. Cabral e José Domingos G. Miguez — *Mudanças Climáticas Globais e a Agropecuária Brasileira* —, acrescenta muitas razões para preocupação. Os autores ressaltam que as projeções de aumento da temperatura no Brasil ficam "em torno de 3 a 5 graus centígrados", com "um aumento médio no volume anual de chuvas em torno de 11% e com aumentos mais expressivos nas latitudes maiores".

Nesse quadro, "projeções de aumentos no volume de chuvas para março a maio e setembro a novembro podem representar maiores dificuldades na fase reprodutiva de cultivos de inverno, riscos de erosão e problemas de colheita de cultivos de verão. Os modelos assinalam reduções no volume de chuvas para o Nordeste, especialmente no inverno (21%), e para o mês de dezembro na Região Sul, representando potencial para agravamento de conflitos quanto à disponibilidade de água".

Do lado da ciência, parece claro o quadro. O que não está

claro é o que se pretende fazer no lado da administração pública, principalmente numa região crítica como a área metropolitana de SP — que ainda se dá ao luxo de perder capacidade de reserva e abastecimento com a ocupação progressiva de áreas de mananciais, com escassos progressos nos programas de conservação de água e sem contar com reserva estratégica (importa 50% da água que consome da bacia do Piracicaba).

Na verdade, SP não é exceção. O país todo já está cansado de saber que em suas capitais se desperdiçam de 40% a 60% da água tratada que sai dos reservatórios; que custaria de cinco a sete vezes menos conservar um litro de água do que produzir um litro "novo"; mas não há financiamentos para isso nem na rede pública de crédito. Para completar, não se consegue votar na Assembléia Legislativa o projeto sobre cobrança pelo uso de recursos hídricos.

Também não se consegue, no plano federal, definir como se financiará o plano nacional de saneamento básico — porque não se consegue definir quem é o titular das concessões nas áreas metropolitanas. E não se consegue porque a concessão pode representar bom dinheiro em caso de privatização do saneamento. Mas sem responder à pergunta fundamental: em caso de privatização, quem financiará as redes de coleta de esgotos para a parte majoritária da população, de baixa renda, que nada pode pagar? E quem pagará pela implantação do tratamento de esgotos (hoje se trata menos de 20% dos esgotos coletados, que são pouco mais de 50% do total; portanto, tratam-se cerca de 10% dos esgotos domésticos totais)? Nesse quadro, a possibilidade de privatização preocupa — porque no mundo todo tem significado aumento de tarifas.

Para quem ainda tenha dúvida quanto à gravidade do quadro nessa área dos recursos hídricos, convém ler o recém-publicado *Água no Século XXI — Enfrentando a Escassez* (RiMa Editora/Instituto Internacional de Ecologia), do prof. José Galizia Tundisi, uma das pessoas que mais sabem do assunto no país, autor de 300 trabalhos científicos e 15 livros nessa especialidade, além de ex-presidente do CNPq. Ele lembra que "a crise da água é uma ameaça permanente à humanidade e à sobrevivência da biosfera como um todo". Por isso, no quadro que está diante dos nossos olhos, "precisamos de uma nova ética".

Não basta lamentar.

* Jornalista especializado em temas ambientais (wlrnovaes@uol.com.br). Artigo reproduzido de *O Estado de SP*, 12/9